



! Artigo

A nova visão pediátrica sobre a infância e particularmente sobre os primeiros anos de vida

Prof. Dr. José Martins Filho

Titular Emérito de Pediatria da Faculdade de Ciências Médicas da Unicamp - Presidente da Academia Brasileira de Pediatria - Escritor e Conferencista

Nós, os pediatras, desde os primórdios de nossa especialidade, sempre nos preocupamos com a visão integral da criança. Embora a nossa especialidade tenha seguido os passos largos que a clínica médica desenvolveu, criando inúmeras e úteis especialidades, cada vez mais, estou convencido de que as famílias e as crianças têm necessidade de uma visão ampla da questão da infância; hoje, não estranhamos ao perceber que estamos nos tornando os remanescentes e quase únicos clínicos gerais em atividade. Penso claramente que somos, sim, os clínicos gerais da infância. Recentemente, não me surpreendi ao ver notícias de que mesmo na Academia Americana de Pediatria isso é reconhecido, porque, além de estarmos preocupados com o feto intraútero, com o recém-nascido, com o lactente, o pré-escolar, o escolar e o adolescente, agora somos estimulados a não deixar de ver os nossos pacientes que seguimos desde o nascimento até uma idade que beira os 25 anos... É o que se chama o *adulto jovem*, a nova preocupação da pediatria em muitos países desenvolvidos. E certamente aqueles que praticam ainda o trabalho em consultório, e o acompanhamento de crianças desde o nascimento, sabem muito bem do que estou falando, pois, frequentemente, vemos bebês filhos de expacientes que, muitas vezes, não hesitam em nos consultar para saber nossas opiniões, porque têm dificuldades em achar um Clínico Geral como o que viam em nós até bem pouco tempo.

Mas essa nova visão não para aí. Particularmente, tenho desenvolvido trabalhos, escrito livros e realizado conferências falando muito dos primeiros anos de vida, do vínculo familiar, particularmente com a mãe e o pai; dos problemas que aparecem quando esse vínculo é rompido e quando a família não consegue, em função de uma vida moderna cada vez mais agitada, dar a devida atenção a seus filhos. Se o século que terminou foi o século da ansiedade, que perdura um pouco até hoje, este parece ser o século da depressão e do desalento, e, principalmente, da falta de vínculo e da terceirização infantil.

Num dos meus livros sobre o assunto, *A criança terceirizada. Os descaminhos das relações familiares no mundo contemporâneo*, abordo de maneira bem cuidadosa esse fenômeno da terceirização infantil, compreendida pela atitude cada vez mais frequente de pais que não querem ou não conseguem, ou não podem cuidar dos próprios filhos. A mudança radical da sociedade nas últimas décadas, a visão de um mundo dividido e frequentemente dito machista, ou feminista, ou egoísta, têm feito com que crianças precocemente sejam colocadas em creches, às vezes a partir dos dois ou três meses de idade. A licença maternidade brasileira, de 4 meses, raramente de 6 meses é uma contradição incrível, quase criminoso, com a nossa luta por um aleitamento materno exclusivo até os 6 meses de idade e, depois, até dois anos como complementação. As mães precisam e querem voltar ao trabalho e ficam sempre numa situação angustiante porque têm que desmamar seus bebês. E os próprios políticos, de forma enfática, falam em planos de creches em tempo integral (só falta falarem que as crianças poderão dormir nas escolinhas) e isso demonstra um total desconhecimento do desenvolvimento físico, psíquico e imunológico das crianças...

Sabemos que bebês no primeiro ano de vida, e particularmente no primeiro semestre, ainda não têm uma imunidade bem desenvolvida e que, realmente, uma criança começa mesmo a ter imunidade semelhante aos adultos por volta dos dois anos de idade. Por outro lado, a necessidade da presença dos pais, principalmente em ambientes em que 4 ou 5 crianças, às vezes muito mais, são cuidadas por uma mesma pessoa e aí começam os problemas emocionais e infecciosos. Todos sabemos, e as mães são as primeiras a se dar conta disso, das diarreias, das febres, dos resfriados de repetição. E se as crianças têm algum tipo de sensibilidade alérgica, isso é ainda mais visível. Infelizmente, as pessoas não têm, às vezes, alternativas...

Sim, é verdade que algumas famílias, não por trabalhar e não por precisar de dinheiro para sobreviver, também terceirizam. É claro que muitas vezes as pessoas não estão preparadas e nem sabem, muito bem, o que os espera depois que um bebê nasce, pois a vida se transforma e as necessidades têm que ser revistas. Fico surpreso, no consultório, ao verificar que muitas vezes jovens mães e pais, se queixam de não dormir bem depois que o bebê nasceu, que ele exige, chora, tem que trocar fraldas, amamentar. É como se eles estivessem esperando uma vida igual à que tinham antes do nascimento e que as crianças se comportariam como adultos... Como se houvesse um botãozinho de "in" e "off" que poderia ser ligado e desligado à noite e que só alegria teriam.

Em dois últimos livros, preocupado com isso, discuti muito esses assuntos. Em *Quem cuidará das crianças? A difícil tarefa de educar os filhos hoje, e no recentemente lançado, O nascimento e a família: alegrias, surpresas e preocupações*, abordo muito essa questão e resalto a necessidade de nossa sociedade perceber como as coisas estão ficando complexas, e como crianças não bem cuidadas, não acalentadas e acolhidas, podem se transformar em adultos complexos, sofridos e muitas vezes infelizes.

Nas minhas palestras eu sempre destaco a preocupação com o futuro da humanidade, da família e a violência. Num dos capítulos de um dos meus livros abordo a Gênese da violência na infância e concordo muito com o professor Antonio Márcio Lisboa, de Brasília, que já escreveu sobre esse assunto há muito tempo. Ele diz que a questão da violência é um assunto muito sério e que "o buraco é mais embaixo". Não é com mudança da lei, diminuindo a maioria penal que vamos resolver a violência e sim com leis que permitam às famílias cuidarem melhor de seus filhos...

O pior que vejo nisso é que essa situação se repete há décadas e os

terceirizadores de hoje, com grande probabilidade, foram terceirizados em sua infância, quando a maneira de cuidar dos filhos foi se modificando e as crianças perdendo seus vínculos familiares muito cedo... É um crime que há muito tempo atinge nossas famílias e nossas crianças.

O vínculo, o afeto, o cuidado e o acolhimento são fundamentais para o desenvolvimento de uma personalidade mais segura e mais madura, e as repercussões na vida adulta são evidentes. Já na infância, dificuldades escolares, irritabilidade, insônia vão se complicando numa vida adulta mais infeliz, com dificuldades no trabalho, no casamento, nas amizades...

Nesse sentido, tenho me preocupado muito com os sintomas de alienação parental, quando as crianças ficam submetidas a pais ou mães separados e que se agridem usando os filhos como projéteis. Então, as calúnias, as mentiras, as agressões se sucedem e muitos dos meus clientes em que vi isso acontecer acabam tendo necessidade de tratamento e apoio psicológico durante a infância ou mesmo na idade adulta.

O que sempre falamos e que achávamos ser apenas problema psicológico e da esfera do desenvolvimento emocional vem mudando totalmente a maneira de ser encarado hoje.

Os últimos trabalhos, com a análise e a preocupação com os famosos "Primeiros mil dias", com as "Janelas de oportunidades" que estão mudando nossa maneira de ver a evolução cerebral de nossas crianças, hoje vistos à luz da neurociência, da neurobiologia, da neurofisiologia e com a utilização de novos métodos diagnósticos, mais modernos, como a ressonância magnética, ou as dosagens hormonais – como, por exemplo, a dosagem salivar de cortisol - têm nos levado a outras considerações mais complexas e graves, como o que hoje denominamos "Estresse Tóxico Precoce" da infância (E.T.P.).

E de que estamos falando?

O cérebro, esse órgão maravilhoso, tem um desenvolvimento extremamente rápido, com bilhões de neurônios e trilhões de sinapses se desenvolvendo durante a gestação e, particularmente, durante os primeiros dois anos. Daí os mil dias fundamentais que nos fazem ficar atentos. Acontece que a formação de sinapses é tão intensa nesse período, com trilhões delas sendo criadas, muitas vezes dando origem a "espaços" que não são necessariamente aproveitados pelo aprendizado e pelos contatos sociais e ambientais com os quais as crianças entram em contato; e aí, criam-se as famosas janelas de oportunidades que, mal comparando, seriam como chips de computadores sem programas ainda para serem utilizados. Fica claro cada vez mais que o meio ambiente, sendo favorecedor de informações, de música, de contatos afetivos, de novas línguas, etc. pode ser útil, e as tais janelas de oportunidades aproveitam esses momentos extras de estímulo.

E onde entra o Estresse Tóxico Precoce? A criança que não é consolada, que não recebe carinho adequado, que fica sem estímulo constante ou tem sofrimentos físicos ou psicológicos, e que reage diante de situações de medo ou abandono, acaba por responder com o desencadeamento de situações de stress, preparando-se, como sabemos, para a fuga ou a luta, ou para a defesa: nesse momento, desencadeia uma série de reações a partir de seu cérebro (amígdalas, hipocampo), um estímulo através de um eixo hipotálamo-adrenal de estímulos de produção de hormônios adreno-corticais. Se essa situação persiste e perdura, há trabalhos recentes que evidenciam que esse estado de estresse crônico tem influência deletéria sobre o cérebro, diminuindo a reprodução de hormônios e destruindo sinapses; e há evidências científicas de que até pode haver diminuição do volume cerebral. Isso é fantástico e doloroso... Ideias antigas, em que se deixavam as crianças chorarem até "aprenderem" e que as crianças que mais solicitavam não eram atendidas, podem, sim, desenvolver esse tipo de sofrimento crônico, com lesões cerebrais que vão comprometer sua vida presente e futura.

Ao contrário, se uma criança tem um sofrimento físico ou biológico, mas é atendida, acolhida, cuidada, o estresse é rápido e ela volta ao normal e a lesão provavelmente não se desenvolve... Por isso, cuidar é preciso. Educar dá trabalho e exige tempo e presença, coisas que, infelizmente, não estamos vendo em nossa vida e no nosso mundo atualmente, em todas as classes sociais...

Por tudo isso, nós os pediatras e todas as pessoas que lidam e cuidam de crianças precisamos rever conceitos antigos, e temos de saber que estamos lidando com seres em idades muito especiais, e que os danos físicos e emocionais podem ter repercussões e consequências graves. Claro que cada pessoa é diferente de outra, e fenômenos de Resiliência e resistências a traumas desse tipo têm que ser mais bem estudados para se entender exatamente porque nem sempre as consequências podem ser tão graves e funestas.

Acho que a pediatria que, felizmente agora, volta a se preocupar intensamente com a puericultura, tem que manter essa constante preocupação preventivista e sempre cuidadosa. Nós não somos apenas os tratadores de doenças infantis. Temos que ser, além disso, os que conversam com a família, falam dos vínculos, dos afetos, estimulamos o aleitamento materno e cuidamos para que as crianças sejam adultos saudáveis. A grande maioria das doenças dos adultos (tipo obesidade, hipertensão, acidentes vasculares cerebrais ou miocárdicos, diabetes, síndrome metabólica etc.) deve necessariamente ser vista pelos pediatras. Temos, além disso, de ter cuidado com a síndrome do pronto socorro, em que, pela situação das famílias ausentes durante todo o dia, as crianças são levadas ao pronto atendimento à noite ou nos fins de semana para ver emergências; e, muitas vezes, não há tempo hábil e nem o espaço necessário para um atendimento mais cuidadoso e tempo suficiente para avaliarmos essas variáveis de desenvolvimento psicossocial e familiar.

Acho que nossa missão, tão nobre, cada vez se amplia mais.